

Mal me quer

Um macuxi à espera do dilúvio

Às dez horas de uma manhã abafada, no início de abril, uma equipe de filmagem liderada pelo francês Rafael Martineau visitou Alfredo Cruz em seu restaurante à margem do Rio Branco, em Caracaraí, Roraima. Foram entrevistar o dono da propriedade – neto de macuxi, a primeira etnia local – sobre a construção da usina do Bem Querer.

O roraimense os cumprimentou com um sorriso, sem largar a cerveja e alheio à música sertaneja que predominava no ambiente. Mostrou dois papéis: a autorização, assinada por ele, para estudos de viabilidade na área, e um mapa, cedido por uma empresa, indicando as opções para construir uma barragem de três eixos no rio.

“O nível vai subir vinte metros e tudo isso aqui vai afundar”, disse ele, apontando o espaço em que vive e trabalha há trinta anos. Enquanto os cinegrafistas descarregavam suas câmeras e microfones, um motoqueiro chegou ao local com uma grande encomenda. O garçom, um índio, pesou o pacote numa balança analógica: 24 quilos. Era uma capivara descarnada e contorcida a exalar um odor cru.

A equipe de Martineau foi a Roraima para registrar as consequências do progresso, ou certo tipo de progresso no Brasil. O diretor, de Montpellier, mudou-se para o Rio de Janeiro em 2011 e conheceu Roraima dois anos depois. Já seu amigo Vincent Marquez viajou de Paris a Caracaraí exclusivamente para filmar. De filhos da pátria, só o repórter e o sonoplasta Marcelo Scotfield, um carioca apelidado de “França”, pois nasceu na Alsácia.

Nas preliminares da entrevista, Cruz se identifica como o primeiro nativo a ter percebido, em 2009, a presença de técnicos da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) na cidade de 11 mil habitantes, a cem quilômetros da capital, Boa Vista. Desde então, têm sido frequentes as visitas de especialistas do governo.

Num canto da propriedade, três marcos de concreto e uma régua amarela indicam a presença da agência de energia, com sede no Rio: ÁREA PROTEGIDA; ESTUDO DE VIABILIDADE; UHE DO BEM QUERER. As placas dizem respeito a uma das 54 hidrelétricas previstas no PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento, projetada para inundar 559 km² e produzir 708 MW-h (eficiência, grosso modo, dez vezes menor do que a de Belo Monte, no Pará).

A hidrelétrica do Bem Querer, ainda em fase de licenciamento ambiental [até a conclusão desta reportagem], prevê a destruição do Rio Branco na altura das corredeiras conhecidas como Bem Querer, vizinhas ao restaurante. Defendida pela senadora Ângela Portela (PT-RR) – que durante três meses evitou entrevistas –, é uma obra considerada prioritária pelo Ministério do Planejamento.

Ao abrir o *freezer* para pegar cervejas para a equipe, Alfredo Cruz mostrou um peixe cortado ao meio com pelo menos um metro e a grossura de um tronco. “Esse é filhote”, informou, para o espanto geral. E buscou a foto em que aparece ao lado de um colosso amazônico, maior que o pescador — não era montagem.

A pesca é a principal atividade econômica de Caracaraí: 800 homens produzem 30 mil toneladas de pescado por ano, segundo a associação local, cujo presidente mora ao lado da única indústria do município, uma fábrica de gelo. Há 500 tipos de peixes no rio Branco, mais do que em toda a Europa. Muitos correm risco de extinção.

Como toda hidrelétrica, a do Bem Querer representa uma ameaça para o ecossistema, e tem mais. Tombadas pelo Iphan, as corredeiras abrigam vestígios arqueológicos. Nas rochas ao redor do sítio vêem-se formas escavadas por sociedades primitivas. Com a elevação do nível d'água, esses *souvenirs* pré-históricos estão fadados a desaparecer, assim como as propriedades da região.

No plano técnico, especialistas refratários ao projeto argumentam que o potencial elétrico da barragem não justifica a realização da obra. Com investimento estimado de R\$ 3,9 bilhões, a usina tem o menor custo-benefício dos leilões da EPE planejados para os próximos anos, de acordo com o Plano Nacional de Energia (PNE 2030): são 210 MWh por bilhão investido.

No momento em que a equipe estava pronta para rodar a entrevista, posicionando a fonte entre a câmera e um grande refletor redondo, entraram no estabelecimento dois clientes. França, com um colete que o ajudava a segurar o microfone, anunciou: “Silêncio, por favor! Vamos começar!”

A mulher de Cruz preparava macaxeira e peixe frito na cozinha; alguns amigos do entrevistado ficaram espiando o set ao lado da geladeira, aos cochichos. O protagonista sentava-se diante do entrevistador e o cenário de fundo para a conversa era, naturalmente, o rio. Martineau então bateu a claquete: “Gravando!”

Cruz conta que a propriedade é herança do seu bisavô, um cearense que foi para Roraima no final do século 19 e se casou com uma índia macuxi. O casal desejava se estabelecer nas terras vizinhas ao Rio Branco, a principal ligação entre Boa Vista e Manaus, à altura das corredeiras do Bem Querer, que são a maior queda do curso d'água.

O então estado do Amazonas cedeu-lhes o título da propriedade em 1912. Cruz herdou o terreno nos anos 1980, das mãos do seu pai, e passou a tocar o restaurante, além de oferecer o aluguel de cabanas, passeios de barco e um giro pela região muito rica em igarapés, várzeas e savanas. “Queremos deixar isso aqui como a natureza fez”, afirma o macuxi.

Nos últimos meses, técnicos de uma empresa mineira e outra carioca fizeram os serviços de topografia, hidrologia, sondagens mecânicas e perfurações de poços para a EPE. Disseram a Cruz que o leito rochoso receberá furos de quinze metros para sustentar paredões de trinta. “Se a gente corta um pedacinho de árvore, dá multa. Em compensação, toda essa mata que vocês estão filmando vai pra baixo d’água”, observa Cruz.

“Nós vamos fazer o quê? Brigar, ninguém vai. Se um dia tivermos uma indenização boa, vamos procurar outro lugar para morar”, prevê. Aos trinta minutos de entrevista, Martineau se dá por satisfeito. “Agora vamos tomar uma pra esfriar a garganta!”, propõe o macuxi*.

**Sem saber que a usina jamais saiu do papel, enquanto as filmagens com 700 gigabytes em high-definition, estas sim foram por água abaixo.*

*(reportagem originalmente escrita para a revista **piauí** — maio de 2014)*